



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras
UNESP – Campus de Assis
ISSN: 1984-2899
www.assis.unesp.br/miscelanea
Miscelânea, Assis, vol.7, jan./jun.2010



A PROBLEMÁTICA SOCIAL NOS ROMANCES DE DYONÉLIO MACHADO E DE JOHN STEINBECK: UM ESTUDO COMPARATIVO

Enéias Farias Tavares
(Doutorando — UFSM — CAPES)

RESUMO

O objetivo desse artigo é estudar a representação ficcional do Brasil e dos EUA na década de 30, nos romances *Os Ratos*, de Dyonélio Machado, escritor brasileiro, e *Of mice and men*, de John Steinbeck, escritor norte americano. Curiosamente, os dois escritores apresentam em seus textos uma temática comum: homens descritos metaforicamente como ratos. Esse estudo comparativo entre os dois romances faz uso das ideias de Van Tieghen, teórico da Literatura Comparada, visando aproximar o texto artístico do período em que ele foi escrito.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura Comparada; Crítica Social; Dyonélio Machado; John Steinbeck.

ABSTRACT

This paper aims to study the fictional representation of Brazil and EUA of the thirties decade, in the novels *Os ratos*, by Dyonélio Machado, Brazilian writer, and *Of mice and men*, by John Steinbeck, North American writer. Both novelists present a common thematic: men metaphorically described as rats. This comparative study between the two novels uses the ideas of Van Tieghen, a theorist of comparative literature, to approximate the artistic text to the period in which it was written.

KEYWORDS

Comparative literature; Social criticism; Dyonélio Machado; John Steinbeck.

O cenário social da década de 1930

Nos Estados Unidos, no ano de 1937, em meio à crise que quase devastou a nação, John Steinbeck escreveu um romance que problematiza o papel do homem em uma sociedade apática e desinteressada por seu bem estar. O título do romance era *Of mice and men*. Antes disso, em 1934, no Brasil, o escritor gaúcho, Dyonélio Machado, escreve uma narrativa cujo protagonista, Naziazeno, é um funcionário público que passa um dia inteiro tentando encontrar uma solução para um curioso problema: como pagar a dívida com o leiteiro para que este não corte o fornecimento de leite da sua família. O romance brasileiro recebeu o nome de *Os ratos*. Apresentando os livros desse modo, já se formula algumas perguntas: Haveria alguma relação entre as duas narrativas? O que se pode perceber ao estudar essas duas obras literárias à luz do discurso histórico sobre a crise dos anos 1930? Que tipo de estudos poderíamos fazer na tentativa de fugir de um discurso meramente comparativo sob o enfoque das possíveis influências literárias?

O objetivo desse artigo é apresentar uma análise, de ordem comparativa, dos romances *Os ratos*, do brasileiro Dyonélio Machado, e de *Of mice and men*, do americano John Steinbeck. Como arcabouço teórico para este estudo, recorreremos principalmente às formulações do teórico Van Tieghen, no que concerne à escolha metodológica para um trabalho comparado como o proposto aqui. Além desse autor, recorreremos aos críticos Alfredo Bosi, Massaud Moisés, Afrânio Coutinho e Regina Zilberman, em busca de outras leituras sobre os dois autores. Como suplemento informacional histórico, escolhemos Edward Burns e Daniel Pinho Barreiros, como ajuda para a contextualização política da década de 30, período no qual foram publicados os dois romances. Neste estudo comparativo das obras de Machado e Steinbeck pretende-se indicar alguns aspectos temáticos e estilísticos presentes nos textos que possam ser relacionados ao discurso histórico, visando problematizar a produção literária não como representação ideal de uma determinada realidade,

antes como produção ficcional pertinente enquanto relato interpretativo de certos aspectos dessa realidade.

Van Tieghen e a discussão sobre literatura e história

Quando refletimos sobre o possível entrecruzamento entre história e literatura, é útil para a análise proposta o pensamento de um dos mais conceituados teóricos da literatura comparada, Paul Van Tieghen. O estudioso francês define cinco possibilidades do estudo comparativo que relaciona o texto literário ao discurso histórico. Primeiramente, o autor comenta o estudo comparado que pesquisa as relações entre obras contemporâneas sob a ótica de fontes e influências. Em sua opinião, essa seria a primeira acepção do que se convencionou chamar de "Literatura Comparada". Após, ele define como estudo de "Literatura Geral" uma análise de obras de diferentes nacionalidades que manteriam, todavia, uma proximidade temporal e temática. Em terceiro lugar, Van Tieghen denomina como "História Literária Sociológica" o estudo que percebe no público receptor de uma obra características que lhe apontam a produção e suas possibilidades de análise. Em quarto lugar, o teórico reúne os escritores de uma determinada região ou localidade com o objetivo de perceber os pontos que lhes são comuns, chamando esse estudo de "História Literária Geográfica". Finalizando sua classificação, Tieghen concebe a terminologia de "História Literária Geracional e Periódica" um estudo voltado para a apreensão das características que definem certos períodos literários específicos (1960, p. 254).

Para o estudo que se pretende neste ensaio, a segunda divisão de Van Tieghen é mais pertinente. Como não se tem dados, nem empíricos nem textuais, que apontem qualquer influência direta ou diálogo mesmo que temático de um dos autores a serem trabalhados na obra de outro, não seria relevante uma análise somente comparativa dos enredos das duas obras. Entretanto, ao pensar a produção dos dois romances, escritos na mesma década e de temática similar — ambos aproximam metaforicamente seus

protagonistas, homens urbanos e rurais da década de 30, de ratos — um estudo das obras tendo por foco o discurso histórico seria profícuo ao tentar perceber como Machado e Steinbeck reinterpreteram em seus romances o panorama social e econômicos de seus contemporâneos.

Na década de 1930, várias nações do mundo sofreram as consequências da quebra da Bolsa de Valores americana. Nos EUA, quase trinta milhões de pessoas ficaram desempregadas, o que representava um terço da força de trabalho da então ascendente nação. Aos grupos de pessoas procurando emprego, moradia e subsistência, adicionou-se uma visão geral e mundial da decadência econômica vivida também por outras nações. Explicando o desastre financeiro mundial que assolou a década de 30, Burns afirma que

A Grande Depressão tinha origens numa recessão agrícola da guerra, que fez baixar o preço dos grãos e outros produtos ao ponto de levar os fazendeiros à bancarrota, embora os preços não caíssem o suficiente para beneficiar a população das cidades. A crônica crise agrícola somou-se o colapso dos preços das ações na bolsa de valores de Nova York, em 1929. Ante a queda do valor das ações, os bancos viram-se descapitalizados e foram obrigados a cerrar as portas. Os investidores internacionais cobraram suas dívidas. As indústrias, sem terem a quem vender, suspenderam a produção e começaram a dispensar trabalhadores. O desemprego reduziu ainda mais os mercados, uma vez que menor número de pessoas dispunha de dinheiro para adquirir bens ou serviços, e essa contratação acarretou um desemprego ainda maior (1980, p. 707).

No Brasil, a efervescência provocada pelo centenário da independência deu lugar a uma desestruturação rural e urbano, tanto social e econômica quanto ideológica, que rapidamente colocaria em cheque as previsões otimistas que haviam percorrido a nação, sobretudo nos governos de Artur Bernardes (1922-1926) e Washington Luís (1926-1930). Contribuiu com isso a crise na indústria cafeeira que fez com que, tanto no campo quanto na cidade, instituições ruíssem e trabalhadores se suicidassem.

Sobre esse período de intempérie, Pinho Barreiros, em "A crise de 29 e duas elites: São Paulo e Rio de Janeiro diante da Grande Depressão", afirma que na década de 1920, a elite brasileira vivia uma tranquila fase de progresso

e desenvolvimento econômico, desfrutando de um aparente aumento no consumo de produtos em todo o mundo, sobretudo na Europa com o término da primeira guerra. Segundo o autor

Motivos não faltavam para que refinados senhores e distintas damas frequentassem os ambientes mais *chics* da Capital da República e vivessem seu sonho de Civilização, lotando o Jockey Club ou os salões de baile. Com a elite agroexportadora no poder, a política econômica se tornou instrumento de garantias para este setor. Esforços firmes para a valorização do produto, reduzindo sua oferta no mercado mundial e garantindo preços foram fonte de rentabilidade muito alta para os produtores e mais ainda para os financistas, promovendo incremento grandioso da produção. Tamanho era este crescimento que o acúmulo de estoques retidos para valorização era cada vez maior – e com o tempo, menos escoados. Uma catástrofe se seguiu — o craque da Bolsa de Nova Iorque em outubro de 1929. Queda brusca de preços, fim do financiamento externo, o consumo desaba. O caos. E pensar que não muito antes a elite pensava navegar por águas plácidas (2009, p. 128-9).

Refletindo sobre essa crise social, política e, sobretudo, econômica, pode-se pensar no modo como o discurso literário veio a aludir a essa realidade problemática, incerta e desesperadora, tanto para classes que mantinham até então a centralidade econômica quanto para trabalhadores assalariados, caso específico das personagens de Machado e Steinbeck. Nos seus respectivos romances, os autores propiciaram um painel ficcional riquíssimo no qual a metáfora de homens como ratos, ou de homens como animais, destituídos de sua condição básica de subsistência, numa realidade urbana e rural complexa e socialmente opressora resulta numa obra de arte crítica e pertinente a uma reflexão que opõe discurso literário e histórico.

Dyonélio Machado e o desencanto brasileiro em *Os ratos*

Médico e romancista, o gaúcho Dyonélio Machado (1895-1985) escreveu primeiramente contos, que foram publicados no livro *Um pobre homem*, de 1927. Em 1935, publicou o romance de temática introspectiva que seria reconhecido como sua principal obra, *Os ratos*. Narrando a história de um

dia na vida da personagem Naziazeno, um funcionário público que trabalha de forma opressiva pelo sustento diário de sua esposa, Adelaide, e de seu filho. Sem possibilidades de pagar o leiteiro, por já dever cinquenta e três mil-réis, o protagonista sofre o risco de ter a entrega do leite de sua família interrompida. Durante a narrativa, acompanhamos Naziazeno que tenta insistentemente, com amigos e colegas e também com o jogo, conseguir o dinheiro para o quitar sua dívida. Ao fim da narrativa, o protagonista consegue o valor necessário, que lhe é emprestado pelo amigo Alcides, porém sua noite é aflitiva devido a um pesadelo no qual observa, para seu desespero, ratos famintos devorarem o dinheiro destinado a pagar a dívida. Enquanto Naziazeno sonha, a esposa e o filho dormem.

Por tratar-se de um romance no qual o homem é ficcionalmente representado como um frágil sobrevivente em um ambiente degradado e degradante, seria pertinente estudar em *Os ratos* o modo como esse sujeito literário se constitui enquanto resposta de seu autor à sociedade na qual está inserido. É ilustrativo o fato de o caráter psicológico da personagem ser descrito como um ser atormentado e angustiado, semelhante ao pequeno animal rasteiro que devora tanto migalhas quanto o papel moeda que significa a subsistência da família do protagonista. A dimensão psíquica de Naziazeno, conforme é descrita pelo narrador de Machado, é a de um pequeno rato, como o título do romance ilustra. Conforme Alfredo Bosi, "Dionélio Machado tem escavado os conflitos do homem em sociedade, cobrindo com seus contos e romances-de-personagens a gama de sentimentos que a vida moderna suscita no âmago da pessoa" (p. 388). Nas palavras de Bosi, o conflito de Naziazeno é o conflito de um homem urbano que vê sua existência esvair-se em inquietação familiar e existencial e incerteza econômica. No caso do protagonista de *Os ratos*, essa "gama de sentimentos", na expressão de Bosi, resume-se em desespero e desilusão, sentimentos vivenciados tanto por ele quanto por boa parte do elenco de personagens que encontra durante o dia de peregrinação narrado por Machado.

Como se trata de uma personagem que tem por atividade profissional o funcionalismo público, é evidente no romance que o esgotamento mental e também físico vivenciado por ele é sintomático de uma rotina opressiva que lhe impede de experimentar uma realização profissional, familiar e individual. No caso de Naziazeno, ele é, dentro da narrativa de Dyonélio Machado, apenas uma engrenagem enferrujada na máquina econômica de sua realidade urbana. Enquanto tal, Naziazeno é constantemente estraçalhado e alquebrado por essa estrutura, estrutura financeira e social, em que a mendicância pelo valor financeiro que pagará o alimento de sua família é representacional de uma mendicância maior, que define e opõe a personagem ao lado dos ratos que roem o dinheiro que pagará sua dívida. Nessa imagem, Naziazeno é ora o devorado ora o devorador, ora rato ora papel-comida, num dia de proporções épicas em que o buscar a subsistência é a meta única do herói romanesco, herói destituído de ideais e de dignidade.

Analisemos agora algumas passagens em que essas impressões de leitura podem ser exemplificadas. O narrador do romance apresenta a saída de Naziazeno do trabalho, findo o turno da manhã. Nessa cena, a personagem reflete sobre a natureza de sua refeição. Tendo apenas alguns trocados, não suficientes para um almoço completo, o que lhe resta é tomar uma xícara de leite. Sobre ela, Naziazeno pensa:

— Leite. É o meu almoço.
— 'Como é que um homem pode se contentar apenas com um vidro de leite ao meio-dia?' — pensa Naziazeno. O olhar do 'leiteiro' ameaçando-o, insultando-o, e que ele sustenta mal, aparece com nitidez na face atrigueirada, sobre o pescoço forte que emerge da camiseta muito justa [...] (2004, p. 36).

Além dos ratos que irão lhe atormentar no fim da narrativa, Naziazeno se deixa dominar pela temática do leite que estará sendo negado ao seu filho. Bosi continua seu comentário mencionando que Dyonélio molda linguisticamente *Os ratos* "como uma reconstrução miúda e obsedante da vida da pequena classe media ralada pelas agruras do cotidiano" (1994, p. 389). Nesse caso, percebemos quão insignificante é a existência da protagonista do

romance. Sua busca não é uma busca de grandes fortunas ou de grandes experiências e realizações que perdurarão nos livros dos feitos humanos. Naziazeno apenas deseja pagar pela garrafa de leite do dia seguinte, fazendo com que a imagem do olhar inquiridor do leiteiro reapareça enquanto imagem fantasmática da própria aflição da personagem ao ser inquirido e pressionado.

Esse ressentimento proveniente de imagens de desespero e interminável e recorrente inquirição serão o fator definidor da caracterização psicológica de Naziazeno. É como se, no decorrer da trama, na medida em que nenhuma das tentativas de Naziazeno de conseguir o dinheiro dá certo, o leitor assistisse ao próprio esvaziamento das certezas e esparsas ilusões do protagonista de *Os ratos*. Quando expressa sua dúvida se deve ou não pedir um adiantamento ao patrão, o narrador do romance descreve a angústia pavorosa que domina o protagonista.

Um gelo toma todo o seu corpo. Gelo que é tristeza e desânimo. Voltam-lhe as cenas da manhã, o arrabalde, a casa, a mulher. Tem medo de desfalecer nos seus propósitos. Acha-se sozinho. Aquela multidão que entra e sai pela enorme porta do café lhe é mais do que desconhecida: parece-lhe inimiga. Já acha absurdo agora o seu plano, aquele plano tão simples. Quando pensa em pedir ao diretor sessenta mil-réis emprestados — sessenta! — chega a sentir um vermelhão quente na cara, tão despropositado lhe parece tudo isso. '— Sessenta mil-réis! um ordenado quase! [...] É isso coisa que se peça?!' (2004, p. 86).

É importante perceber que o jogo de contrastes presente na citação é curioso. Primeiramente Naziazeno sente um frio contorno perpassar seu corpo, temperatura que intensifica a caracterização de tremor e medo dessa personagem em não desagradar à esposa, causar sofrimento ao filho ou decepcionar a si próprio. Mas quando imagina a possível reação do chefe ao pedido de adiantamento ou empréstimo, Naziazeno fica vermelho, sente calor e um crescente abafamento, diante da possível reação do chefe. Tais elevações e quedas subjetivas da condição corpórea da protagonista em consonância com sua alteração emocional dominam a narrativa. Como o leitor observa a jornada da personagem, percebe que Naziazeno, sozinho ou acompanhado, é uma

coleção de sensações dicotômicas em que apenas ressoam suas próprias desconfianças e inseguranças.

Sobre a estrutura do romance, Regina Zilberman, no livro *A Literatura no Rio Grande do Sul* (1992), argumenta que tal construção cronológica precisa por parte do narrador de Machado tem por objetivo intensificar a angústia da personagem. Não há ontem e nem amanhã presentes nas confabulações de Naziazeno no decorrer da narrativa. O que há, de forma imperativa e desesperada, é tão somente o tempo presente das necessidades dos seus familiares. Sobre essa característica da narrativa de Machado, Zilberman afirma que, em *Os ratos*,

O conflito não tem início, nem fim, sendo que às 24 horas narradas têm caráter exemplar: representam todo e qualquer dia de um funcionário público, que não consegue sobreviver com seu modesto salário. Tal exemplaridade acentua o aspecto angustiante de seu percurso diário: se todos os dias são como este, sua existência converte-se num estafante, interminável e improdutivo exercício destinado a tapar as lacunas oriundas de sua irremediável falta de dinheiro. É o que determina sua condição de exilado da vida, alienado em relação a um fluxo temporal que não consegue acompanhar devido exclusivamente à crise pecuniária (1992, p. 95).

Conforme argumenta a autora, a narrativa relativamente curta de Machado ao narrar o período de menos de 24 horas, reforça o estado emocional fragmentado e dissonante do protagonista, que metaforicamente encontra-se exilado do seu meio familiar e social. Alienada em sua angústia, Naziazeno apenas pensa no poder devorador dos ratos, ou dos dias, ou dos anos, que roem sem cessar a vitalidade que perdera há anos.

Ao fim de sua jornada econômica desgastantes, Naziazeno é descrito como estando desejoso de dormir e descansar. Sua mente absorta como está em sua dificuldade profissional e financeira, também o priva disso. Enquanto sonha com os ratos que lhe devoram o dinheiro, que representa o leite do filho, o narrador descreve o sentimento antitético de não conseguir dar ao corpo e à mente o descanso que tanto necessitam.

Está exausto [...] Tem uma vontade de se entregar, naquela luta que vem sustentando, sustentando [...] Queria dormir [...] Aliás, esse frio amargo e triste que lhe vem das vísceras, que lhe sobe de dentro de si, produz-lhe sempre uma sensação de anulação, de aniquilamento [...] Queria dormir [...] (2004, p. 135).

Destituído de qualquer possibilidade de decisão existencial, Naziazeno tenta e quer dormir, mas não consegue. Suas ilusões — ou não — a respeito dos ratos não o deixam. Se na narrativa de Dyonélio Machado, as personagens são escravas, não de si, mas do sistema a que estão submetidos, o mesmo paradoxo existencial encontra-se no romance de Steinbeck, *Of mice and men*, porém reconfigurado ficcionalmente de forma diversa.

John Steinbeck e a aridez econômica dos EUA em *Of mice and men*

John Steinbeck (1902-1968) é um dos romancistas norte-americanos que melhor retrataram ficcional e literariamente o drama da classe operária americana no período da crise de 1930. Tanto em *Of mice and men*, quanto em *As vinhas da ira* (1939) e *Ao leste do Éden* (1952), suas personagens proletárias se apresentam como homens e mulheres social e emocionalmente desarticulados. São seres que carecem de qualquer posse ou de decisão no que concerne às suas existências. Tal temática e particularidade ficcional tornaram a prosa do autor popular nos Estados Unidos, tendo vários de seus livros adaptados para televisão e cinema.

Em *Of mice and men*, somos apresentados à dupla de amigos George Milton e Lennie Small. O primeiro, homem de estatura pequena e esguia que tem em sua astúcia pessoal sua única característica positiva. O segundo é o oposto, tanto físico quanto intelectualmente. Lennie é caracterizado no romance como sendo um homem alto e forte, embora possua, em contraste com sua força bruta, uma mente infantil e ingênua, nutrindo um carinho especial por seres pequenos e desprotegidos, diferentes dele próprio. Após a morte de sua tia Clara, Lennie fica na companhia de George. Os dois amigos perambulam de cidade em cidade, de rancho em rancho, à procura de

emprego, até conseguirem serviço numa grande fazenda em Salinas, Califórnia, sul dos Estados Unidos. O filho do dono da fazenda é o frio e violento Curly, casado com uma atraente e provocante mulher que é desejada pelos trabalhadores do rancho.

A narrativa apresenta também outros personagens como o duro empregado da fazenda, Candy, que perdeu uma das mãos trabalhando com o gado e o solitário Crooks. No clímax do romance, Lennie mata involuntariamente a esposa de Curly, a quem queria ajudar. Foge e é encontrado pelo amigo, George. Esse o mata rapidamente, temendo que sofresse mais ainda nas mãos de Curly. Os dois amigos dividiam um sonho: o de um dia serem donos de um rancho próprio, sonho que é interrompido pelo desfecho trágico de suas existências. Ao fim da narrativa de Steinbeck, George encontra-se sozinho, como tantos outros personagens descritos no decorrer da história incisiva de *Of mice and men*, ao representar um lugar e um tempo em que os homens são devoradores de homens.

Na narrativa de Steinbeck, percebemos nítidos contrastes com o pano de fundo histórico que envolve a grande depressão americana. As condições são precárias, há um excedente de mão de obra em contraste com salários irrisórios para os poucos que conseguem alguma atividade profissional. No caso da dupla de protagonistas, a única riqueza que possuem é a de não estarem sozinhos num cenário ficcional em que todos estão abandonados. Desprezando falsamente essa companhia, o arguto George diz:

Whatever we ain't got, that's what you want. God a'mighty, if I was alone I could live so easy. I could go get a job an' work, an no trouble. No mess at all, and when the end of the month come I could take my fifty bucks and go into town and get whatever I want (1988, p. 236).

Outro marcador desse falso contentamento diante da solidão, expresso nas palavras de George, tem a ver com um jogo que frequentemente o personagem participa, o *Solitaire*, jogo de cartas que necessita de apenas um jogador. Num jogo em que dificilmente George poderia contar com a capacidade intelectual de Lennie, podemos ler o *solitaire* em *Of mice and men*

como uma metáfora para o caráter das personagens romanescas de Steinbeck. Por mais que todos eles tentem, ora ou outra, articularem relações ou estabelecerem laços emotivos e/ou sociais, continuam vagando solitários por um mundo pouco aprazível do ponto de vista social e humano.

Ilustra essa desilusão diante de tentativas fracassadas de estabelecimento de vínculos emocionais, a frustração do sonho inicial de Lennie e George. Apesar de desdenhar por instantes a amizade e a companhia de Lennie, George não mais cultivará o sonho que tinha com o antigo companheiro. Naquele rancho originalmente pretendido, os amigos teriam

All kin's a vegetables in the garden, and if we want a little whisky we can sell a few eggs or something, or some milk. We'd jus' live there. We'd belong there. There wouldn't be no more runnin' round the country and gettin' fed by a Jap cook. No, sir, we'd have our own place where we belonged and not sleep in no bunk house (1988, p. 239).

Nesse rancho ideal, George e Lennie poderia dividir e construir algo que até o momento havia sido negado às duas personagens: o direito à sua própria individuação. Tal direito, num mundo capitalista e em crise como o representado por Steinbeck, é uma ilusão apenas imaginada pela dupla. No universo do escritor americano, ilusões são possíveis, porém, nunca duram muito tempo. Parece, nesse aspecto, que quando descreve sonhos e planos otimistas futuros, o narrador de Steinbeck os apresenta unicamente para despedaçá-los posteriormente.

Ainda sobre a solidão das personagens de Steinbeck, é ilustrativo o comentário que o empregado negro, Crooks, faz desse estilo de vida — ou talvez da única opção que esses personagens têm num universo não disposto a construção de qualquer ordem, pelo menos não no contexto das classes de pouco poder econômico. Cansado de ser desprezado e maltratado por sua etnia, Crooks expressa sua angústia diante do desejo de vivenciar uma realidade de tranquilidade e silêncio. O personagem diz:

S'pose you didn't have nobody. S'pose you couldn't go into the bunk house and play rummy 'cause you was black. How'd you like that? S'pose you had to sit out here an' read books. Sure

you could play horseshoes till it got dark, but then you got to read books. Books ain't no good. A guy needs somebody-to be near him. A guy goes nuts if he ain't got nobody. Don't make no difference who the guy is, long's he's with you. I tell ya, I tell ya a guy gets too lonely an' he gets sick (1988, p. 269).

Ao fim da narrativa, por mais que ecoem as palavras de comum sabedoria de Crooks, é a solidão que aguarda todas as personagens do romance de Steinbeck. George termina seu percurso sem o amigo, ao qual matou como sinal de pena e comiseração em vista da tortura e do sofrimento que o aguardavam caso fosse capturado. Dentro dessa perspectiva, *Of mice and men* é o retrato de um período social em que homens e animais se confundem. Se a grande depressão americana significou pela primeira vez a completa desmistificação do ideal *american way of life*, o romance de Steinbeck é a possibilidade de uma representação ficcional pertinente dos eventos e sensações compartilhadas por homens e mulheres de seu tempo.

Machado e Steinbeck e suas narrativas de desilusão social

Quando se contrastam narrativas como as de John Steinbeck e Dyonélio Machado, percebe-se que o caráter do desencanto é recorrente na construção dos personagens de ambos os romances. Lennie é como uma pequena criança que ainda não compreende sua existência e o perigo presente na desmedida de sua força. Sua tristeza quando mata um rato, que desejava apenas proteger na palma de sua mão, inquieta o leitor diante dos opostos de força bruta e ingenuidade tola que perpassam a personagem. George, ao contrário, é audaz e cínico em vários momentos da narrativa. No entanto, o que une esses dois homens é uma mistura de força bruta com inteligência cínica. Além desse contraste que torna essas personagens dramaticamente pertinentes no objetivo romanesco de Steinbeck, há ainda o sonho de ambos serem autônomos, de terem um pedaço de terra e um lar que fosse para eles um paraíso distante e ideal. Tal capacidade de projetar no futuro uma possível

realização de seus desejos inexistente na caracterização e nas experiências de Naziazeno, conforme a descrição que temos da personagem em *Os ratos*.

Na narrativa de Dyonélio Machado compreendemos um homem sem perspectiva alguma de futuro, tanto no âmbito individual quanto familiar. O protagonista de *Os ratos* se vê esgotado ao fim de seu dia. O amanhã não promete esperanças maiores, a não ser a triste comprovação de que o dinheiro que conseguiu a tanto custo possa ter sido levado embora, devorado pelos dentes dos ratos ou pelas presenças dos credores. Por outro lado, algo que se torna claro à medida que lemos *Os ratos* é que seu protagonista não está só, não está completamente desamparado. Os amigos de Naziazeno estão dispostos a ajudá-lo a conseguir o dinheiro que precisa. O mesmo não acontece na narrativa de Steinbeck, narrativa na qual a solidão e o desamparo são recorrentes no universo particular de cada personagem.

É surpreendente o modo como o autor de *Of mice and men* retrata narrativamente o casal Curley na história. A esposa do filho do dono da fazenda, personagem de quem nem mesmo sabemos o nome — possível crítica a um período e um contexto geográfico específico em que as mulheres ainda estavam relegadas à autoridade familiar — morre desconhecendo seu esposo e sem concretizar a ilusão de um dia ser atriz de cinema. Quanto à vingança de Curley, parece que é mais fruto de uma vontade de extravasar seu desejo de violência do que de ser realmente uma retribuição ao culpado da morte de sua esposa. Mesmo em *Crooks*, o sábio empregado negro, não se percebe um interesse mais profundo em amizades ou em relacionamentos mais íntimos. Possibilidade inexistente em um mundo repleto de aridez social e individual.

No que diz respeito ao valor que as personagens de Dyonélio e de Steinbeck têm nas respectivas narrativas, é interessante o comentário de Zilberman sobre a fixação financeira presente no primeiro romance. Ela escreve:

Os ratos e o dinheiro fornecem os limites da vida de Naziazeno. O dinheiro é o alvo permanente de sua trajetória, e nesta busca ele se extingue enquanto ser humano. Identifica-se com o

objeto da procura, porque é pressuposto de seu estar no mundo. Mas isto significa ao mesmo tempo sua destruição, de modo que o protagonista é também o rato que arruína a vida por jogar tudo numa atividade interminável. Em vista disso, ambos os seres — a moeda e o animal — concretizam a divisão interior da personagem, transformando-se o delírio final na revelação de sua condição humana (1992, p. 96).

Aproximando tais palavras do romance de Steinbeck, percebemos também na trágica história de Lennie e George que o valor de um homem se torna pequeno, desprezível, quando comparado com valor financeiro presente numa sociedade capitalista. Não apenas os dois, mas todas as outras personagens valem muito pouco do ponto de vista econômico e mesmo social, exceto na medida em que podem demonstrar por seu sangue ou por seu trabalho, um relativo valor de serviço.

Ao perceber a descrição histórica da Grande Depressão Americana e de seus resultados tanto nos EUA quanto no Brasil da década de 30, pode-se encontrar nos romances de Dyonélio Machado e de John Steinbeck a caracterização romanesca de uma existência humana desencantada e vazia no tempo social em que viveram. Assim, tanto *Os ratos* quanto *Of mice and men* são romances que textualmente representam um passado e uma desilusão, infelizmente, não tão distante. Um passado no qual homens e ratos coexistem em situações similares.

Referências bibliográficas

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BURNS, Edward; LERNER, Robert; MEACHAM, Standish. *História da civilização ocidental*. 29. ed. Porto Alegre: Globo, 1980. v.2
- MACHADO, Dyonélio. *Os ratos*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.
- PINHO BARREIROS, Daniel. A crise de 29 e duas elites: São Paulo e Rio de Janeiro diante da Grande Depressão. In: *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 128-144, jan./jun. 2009.

STEINBECK, John. *Of mice and men*. McMichael, George (ed). New York: Macmillan Company, 1988.

TIEGHEM, Van. *Les grandes doctrines littéraires en France de la pleiade au surréalisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

Artigo recebido em 30/06/2009 e publicado em 13/04/2010.